

Economistas desaprovam a idéia

CEZAR FACCIOLI

Entre os principais economistas do Rio de Janeiro, a opção da dolarização está em baixa. Quem acredita que a medida seja adotada como tentativa de estabilização não confia nos resultados do controle da inflação nem na retomada do crescimento. No rol dos temerosos, figuram nomes como Paulo Rabello de Castro, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Gil Pace, da GPC, e José Cláudio Ferreira da Silva, da UFRJ.

Próximo a André Lara Resende e participante direto da discussão do PSDB, uma das legendas de sus-

tentação de um possível governo Itamar, Edmar Bacha descarta "qualquer aventura tecnocrática" por parte do futuro ministro da Economia. "A prioridade imediata deverá ser a negociação com o Congresso de uma reforma fiscal de emergência, para recuperar as receitas públicas, e de uma ampla autonomia para o Banco Central, para controle das despesas do Tesouro", prevê.

Diferenças — Antônio Barros de Castro, da UFRJ, a exemplo de Bacha, também considera inconcebível a vitória de Collor, pela frustração popular e confusão política

que se seguiria, inviabilizando qualquer estratégia de estabilização de preços. Bacha observa que Itamar, ao contrário de Collor, não assume com a hiperinflação à porta nem com um mandato implícito de combater a inflação a qualquer custo, mas exatamente de tornar esse combate menos doloroso para a sociedade."

A mudança na agenda de prioridades é reconhecida pelo presidente do Instituto de Economistas do Rio de Janeiro, José Márcio Camargo. Professor da PUC, Camargo acredita que o espaço para mudanças

nas políticas monetárias e fiscais adotadas pelo ministro Marcellino são pequenas. Ele admite, contudo, a possibilidade de uma prefixação negociada, um acordo envolvendo preços, salários e tarifas públicas.

E a dolarização não combina com acordos amplos, pelo menos no Brasil, de acordo com Castro. Aqui, prevalece o cruzeiro, e é inconcebível sinalizar como permanente uma política, como o câmbio fixo, que por tornar irrealmente baratas as importações golpeia frontalmente a indústria e o operariado urbano", conclui.